

SILHUETAS QUE SE DELINEIAM NA FUMAÇA - UM ESTUDO SOBRE A DISCURSIVIZAÇÃO DO CIGARRO¹

Mariana Pereira de OLIVEIRA (UFF)

Ao observarmos a questão do cigarro tomando-o como um texto que produz discursos e efeitos de sentidos, almejamos, a partir do embasamento teórico da Análise do Discurso, ouvir os dizeres, a fim de perceber como são estabelecidas as relações de sentido que singularizam esse discurso.

Como veremos nas análises, utilizar a questão do cigarro e de como ele, enquanto texto significa dentro da sociedade brasileira é, na verdade, procurar nele (e através dele) investigar o percurso social e ideológico que o discurso do/sobre/para o cigarro vem traçando através da história.

Ainda nessa escuta de uma memória observaremos como o discurso tabagista permeava/permeia a mídia de forma interessante, pois o ‘cigarro’ da mesma forma que embute certos sentidos a quem dele se “apropria”, também toma para si sentidos outros.

Para tanto é necessário se pensar discursivamente, tanto na prática propagandista, quanto na prática jurídica, para compreender os processos discursivos que se instauram na produção de sentidos de/para/sobre o cigarro e, consequentemente, o fumante.

Trata-se, então, do ponto de vista discursivo, de um trabalho que, já no gesto de construção do *corpus* de pesquisa, pela análise da materialidade, tanto lingüística, quanto imagética, marca regularidades, percorrendo caminhos onde, não só os sentidos se filiam, mas também resvalam, desdobram, deixam deslizar sentidos outros, possibilitando entrever aquilo que é silenciado, recalcado, o não-dito.

Uma primeira observação nessa direção diz respeito à relação entre a memória social e a interpretação, expressa na questão da *construção* narrativa da “versão” histórica. Ou seja, a memória social não é natural, mas construída. Neste sentido, Mariani (1998) observa que uma memória social que se narra resulta de um processo histórico de disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos e que:

[...] como resultado do processo, ocorre a predominância de uma de tais interpretações e um (às vezes aparente) esquecimento das demais. Naturaliza-se, assim, um sentido “comum” à sociedade, ou, em outras palavras, mantém-se imaginariamente o fio de uma lógica narrativa. (Mariani, 1998)

A autora lembra ainda que na memória social encontra-se “[...] a garantia de um efeito imaginário de continuidade entre as épocas, ou, em outras palavras, a manutenção de uma narrativa coerente para uma formação social em função da reprodução/projeção dos sentidos “hegemônicos””. (Mariani, 1998)

Mas a impressão de linearidade que ali se produz aponta, como afirma a autora, para uma projeção imaginária de uma “realidade” em que “as relações de poder contraditórias e censuras aparecem domesticadas, é constituída por lacunas – as interpretações silenciadas – e por deslocamentos inerentes ao próprio ato da repetição.” (Mariani, 1998)

Pêcheux ressalta que o que se entende por “conjunto de traços e pistas” pode ser aproximado daquilo que se chamou de “ideologia” ou “universo de representações e de crenças”. Essas redefinições levam à incorporação de alguns novos pólos temáticos: a *heterogeneidade* associa-se à idéia da *alteridade* (“presença do discurso do outro como

discurso de um outro e/ou discurso do Outro”), as relações entre *intradiscurso* e *interdiscurso* passam a serem buscadas nos vestígios da memória discursiva.

Tencionada pela memória, a FD incorpora, cada vez mais, a instabilidade e a dispersão dos sentidos que serão radicalizadas, no texto de Pêcheux “Discurso, estrutura ou acontecimento?” a partir das noções de “deriva”, de “desestruturação-reestruturação das redes e trajetões” que fundam a idéia de que “todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas”, um “trabalho de deslocamento ” (PÊCHEUX,[1975]1990).

Pêcheux ([1975]1990) afirma que o acontecimento discursivo é o ponto de encontro de uma materialidade e uma memória, e que ele desestabiliza o que está posto provoca um novo vir a ser, reorganizando o espaço da memória que ele convoca.

Mariani complementa a noção de Pêcheux quando afirma que:

Se por um lado, um acontecimento remete para o que é acidental, singular, descontínuo, não previsível, e este é seu aspecto positivo, uma vez que rompe com a imposição imaginária da necessidade de estabilização [...]por outro, a necessidade interpretativa busca integrá-lo, transformando-o em novos elementos da memória. (MARIANI, 1998)

E isto ocorre exatamente quando se produz sentido para o acontecimento, pois ele necessariamente, tem de se filiar a alguma rede de sentidos já existente, é a busca de implícitos que façam com que seja possível, não só sua interpretação, mas sua integração nos momentos presente e futuro.

1 – CIRCUNSCRIÇÕES DE UM DISCURSO OUTRO

O movimento anti-tabagista no Brasil e no Mundo vem se intensificando cada dia mais. Duas são as vertentes que podemos observar em relação a esse movimento, uma que diz respeito às leis anti-tabagistas que desde 1986 (caso brasileiro) vêm sendo implantadas na legislação e outra que trata da propaganda anti-tabagista que vem sendo cada vez mais freqüente , e com maior intensidade, veiculada na mídia.

Ao observarmos as leis que tratam sobre o assunto, podemos notar que há um movimento interessante de construção de um discurso que se quer anti-tabagista, ressaltando ainda que sua sanção, mudança ou revogação encontra-se pautada em dados referentes ao resultado obtido na diminuição dos índices de fumantes – veiculados por Órgãos legais tais como o Ministério da Saúde (MS) e a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

As propagandas anti-tabagistas podem ser divididas em dois grandes campos: um é o daquelas produzidas pelo Ministério da Saúde, obrigatoriamente veiculadas nos maços de cigarro e nas propagandas e outro são aquelas produzidas por agências independentes (patrocinadas ou não pelo MS), veiculadas em diversos tipos de mídias.

Observemos aquelas veiculadas nos maços de cigarro. Elas exercem um papel interessante uma vez que são enunciados sobrepostos a enunciados outros, provocando uma relação de tensão entre um dito e um não-dito. Dito e não-dito que se encontram em lados opostos de um mesmo produto criando uma inserção silenciosa no “contrato imaginário” estabelecido entre o leitor/fumante e o cigarro/texto.

É a partir do *corpus* selecionado, principalmente no tocante ao texto da Lei e a superfície lingüística imposta por ela nas próprias embalagens² de cigarro que poderemos observar marcas que transbordam questões relativas, não só a regularidades, como também à dispersão.

1.1 O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE: FUMAR FAZ MAL À SAÚDE

Na discursividade engendrada pelo discurso legal que se inscreve/escreve na própria embalagem do cigarro, há produção de sentidos negativos. Pode-se notar que o discurso anti-tabagista, através da legislação, torna-se obrigatório junto às propagandas de cigarro e a suas embalagens, o que acaba por explicitar múltiplas vozes que, por sua vez, não só marcam posições sujeito diversas, mas também FD's distintas, como veremos a seguir com as análises

Tal movimento teve seu início em 1988, quando a sequência discursiva “*O Ministério da Saúde adverte: fumar faz mal à saúde*” – que representaremos com Sequência Discursiva 0 (SD0) – passa a estar presente nas embalagens e propagandas de cigarros e produtos derivados do tabaco. Partindo de SD0, tomaremos o plano verbal como fio do discurso para análise.

Do ponto de vista sintático temos uma estrutura se por um lado apresenta-se na ordem direta (Sujeito – Verbo – Objeto) em que a ênfase está no sujeito – “*O Ministério da Saúde*” –, por outro reforça seu destaque lançando mão do discurso de autoridade por duas vias, apontando para um discurso médico, e para um discurso oficial, mas que, da mesma forma, estabelece uma relação mais próxima entre o autor e o leitor ao lançar mão do verbo ‘advertir’, verbo *dicendi* que carrega em si um valor emocional, pois trabalha numa lógica em que ele faz mais do que informar e menos do que impedir.

Neste sentido, os efeitos de sentido mobilizados pelo verbo ‘advertir’ apontam para uma questão interessante, pois apesar de ao expressar a advertência o Ministério da Saúde apesar de apontar para aquilo que não deve ser feito, também sinaliza que pode ser feito, uma vez que não há proibição legal.

Porém, o interessante dessa estrutura está na forma com que o objeto é marcado nessa oração: há a elisão de um possível “que” que marcaria o discurso como indireto e inserem-se os dois pontos que marcariam o discurso como direto, mas que não o fazem, pois faltam outras marcas lingüísticas como o travessão ou as aspas que pudessem dar indícios de que se trataria de um discurso direto³.

Logo os dois pontos funcionam como um marcador que, tal qual acontece quando usado em apostos, cria uma pausa necessária e dá mais relevância ao que vem logo em seguida. Informação esta que se introduzida por uma conjunção que/se estaria no fluxo do texto e perderia um pouco de seu apelo.

Outro ponto interessante está no fato da repetição da palavra ‘saúde’ que marca duas posições distintas também marcadas pela fronteira dos dois pontos, de um lado Saúde está ligada a Ministério, qualificando-o e assim colocando-se em um lugar discursivamente marcado de poder, do outro ‘saúde’ está vinculado diretamente ao sentido de doença – que poderemos ver com mais clareza nas paráfrases encontradas no desdobramento da análise na parte variante das sequências discursivas – e possível de atingir qualquer fumante, mobilizando o valor genérico da lei.

No entanto, é somente em 1996 que há regulamentação do uso das advertências nas propagandas, nos termos da lei (nº. 9.294), mais especificamente no Art. 2º, § 2º desdobrando SD0 em diversas SDs e informando que:

A propaganda conterá, nos meios de comunicação e em função de suas características, advertência, sempre que possível falada e escrita, sobre os malefícios do fumo, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, segundo frases estabelecidas pelo Ministério da Saúde, usadas sequencialmente, de forma simultânea ou rotativa.

Tais seqüências estabelecidas pelo Ministério da Saúde e que continham as advertências deveriam seguir os parâmetros especificados na lei, tanto no que se refere a sua redação, quanto no que se refere a especificações gráficas. O quadro (Q1) a seguir mostra as frases, que chamaremos de seqüências discursivas (SD) daqui por diante, sendo que a primeira coluna apresenta o que se mantém – “*O ministério da saúde adverte:*” – e a segunda coluna os desdobramentos da oração inicial – “*fumar faz mal a saúde*”:

QUADRO 1 (Q 1)

PARTE FIXA DA SD	PARTE VARIANTE DA SD	LEGENDA
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:	FUMAR FAZ MAL À SAÚDE.	SD0
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:	FUMAR CAUSA MAU HÁLITO, PERDA DE DENTES E CÂNCER DE BOCA.	SD1
	FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.	SD2
	FUMAR CAUSA INFARTO DO CORAÇÃO.	SD3
	QUEM FUMA NÃO TEM FÔLEGO PARA NADA.	SD4
	FUMAR NA GRAVIDEZ PREJUDICA O BEBÊ.	SD5
	EM GESTANTES, O CIGARRO PROVOCA PARTOS PREMATUROS, O NASCIMENTO DE CRIANÇAS COM PESO ABAIXO DO NORMAL E FACILIDADE DE CONTRAIR ASMA.	SD6
	CRIANÇAS COMEÇAM A FUMAR AO VEREM OS ADULTOS FUMANDO.	SD7
	A NICOTINA É DROGA E CAUSA DEPENDÊNCIA.	SD8
	FUMAR CAUSA IMPOTÊNCIA SEXUAL.	SD9

Posteriormente, essas advertências passaram a ser obrigatórias também nas embalagens de cigarros e derivados do tabaco em conformidade com a Resolução ANVS/DC n. 104 de 31 de maio de 2001 que, “Dispõe que todos os produtos fumígenos derivados do tabaco, conterão na embalagem e na propaganda, advertência ao consumidor, sobre os malefícios decorrentes do uso destes produtos”.

Além disso, esta mesma resolução dispõe do uso de imagens acompanhando as advertências, conforme mostra seu Art. 2º. O verbal e o não-verbal passam a apontar numa mesma direção, reforçando assim o que estava dito, com o que era visto.

Contudo, nos deteremos neste capítulo no aspecto verbal das seqüências. Primeiramente, podemos notar que a primeira parte mantém-se a mesma, o que, sinaliza que tais enunciados ainda são feitos do mesmo lugar, por outro a repetição de um mesmo enunciado a exaustão é uma tentativa de, tanto marcar uma posição, quanto de cristalização de um determinado discurso.

Porém o que nos chama atenção nas SDs de 1 a 9 são as variantes de SD0, pois apesar de superficialmente apontarem para um movimento parafrástico, o que até certo ponto é deveras notado. Ao nos debruçarmos mais atentamente sobre a superfície lingüística podemos notar que há certas marcas que sinalizam outras questões.

Uma questão mais geral que se faz notar é que se “*saúde*” em SD0 apontava para uma generalização das doenças, nas SDs que se desdobram há o movimento contrário, buscando não só especificá-las, mas particularizá-las.

Tomemos inicialmente as SDs 1, 2, 3, 5 e 9. Todas elas mantêm o padrão de sujeito “*fumar*”, o que, além de repetir o formato de SD0, mostrando uma determinada regularidade, repetiria também a relação entre a ação e a negatividade de forma direta sem o comprometimento tanto do sujeito que fuma, quanto do cigarro, se não houvesse mudado o verbo que se segue.

Ao substituir “faz”, por “causa”, nas SDs 1,2,3 e 9, ao mesmo tempo em que há paráfrase, há sentidos outros que circulam, num processo polissêmico, especialmente pela troca explicitar uma relação de causa e consequência entre sujeito e objeto que ficava menos marcada na construção de SD0. Além disso, o verbo causar sentença um desfecho irremediável para o sujeito, num tipo de discurso muito mais preponderantemente autoritário.

No que se refere aos objetos destas seqüências, apesar de todos indicarem um “*mal à saúde*”, retomando o sentido de SD0, apontam para sentidos diversos. SD 2, 3 e em parte na SD1, – “*câncer de pulmão*”; “*infarto do coração*”; “*câncer de boca*” – por sua vez, tomam o sentido de malefício à saúde como doença, e, além disso, algo que pode levar a morte. Ou seja, no movimento parafrástico procuram elevar a intensidade do que é posto em SD0, e para que haja tal intensificação utilizam-se do discurso médico com todo um vocabulário específico, mas que é de uso corrente da população em geral, e que confere autoridade e credibilidade às SDs. Neste ponto de nossa análise, é interessante retomar o que coloca Foucault (1985) sobre a medicina:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política.

Já na SD9 e em parte da SD1 – “*impotência sexual*”; “*mau hálito, perda dos dentes*” – o que está em jogo não é a vida ou a morte do sujeito que fuma, mas questões de saúde que interferem diretamente na sua vida social. O deslizamento neste ponto é interessante, pois aponta exatamente para sentidos que foram durante décadas sendo naturalizados no discurso tabagista, ligados a sexualidade e a (boa) aparência. Na medida em que se procura desnaturalizar tais sentidos, acaba-se por mobilizá-los, marcando pontos de uma heterogeneidade discursiva, pois, se utiliza do discurso-outro para tentar desdizê-lo.

Podemos notar que SD1 – “*fumar causa mau hálito, perda de dentes e câncer de boca*” – fica num entre-lugar, pois se filia a ambos os sentidos. Contudo há uma peculiaridade em sua construção, pois, utiliza-se de ambos para construir um efeito de gradação no que se refere a gravidade do efeito causado por fumar.

Já a SD 5, que se mantém na mesma filiação do discurso médico, apresenta variação na forma de construção das SDs anteriores, no que se refere ao sujeito, pois apresenta um adjunto adverbial – “*fumar na gravidez*” – que poderia, gramaticalmente, tanto ser uma referência de lugar, quanto de tempo, mas que discursivamente determina que a advertência se refere a mulher, em especial, às grávidas e seus bebês.

Também na SD6, há a utilização de um advérbio que faz referência ao sujeito que fuma – “*em gestantes, o cigarro*” – delimitando-o mais uma vez a mulheres que fumam, o que não quer dizer, necessariamente, que o leitor-imaginário seja a mulher grávida fumante, mas sim alguém para quem o fato de ser/estar gestante significa, ou melhor, torna significativo aquele enunciado.

Além disso, o uso do verbo ‘prejudicar’ (SD5) e ‘provocar’ (SD6), em detrimento do verbo fazer e/ou causar, redimensiona a relação entre o sujeito e a ação, pois, se por um lado não trata dos prejuízos causados à saúde do próprio fumante e sim de outrem, fato este ainda mais intensificado na SD6 ao enumerar os efeitos do cigarro sobre a gestante/bebê – “*partos prematuros, o nascimento de crianças com peso abaixo do normal e facilidade de contrair asma*” – por outro, ele utiliza-se das relações

historicamente marcadas de proteção entre mães e filhos, para marcar um discurso também autoritário e de autoridade.

O que também podemos notar de particularidade em SD6 está relacionado ao sujeito que deixa de ser “*fumar*”, e passa a ser “*o cigarro*”, a mudança do sujeito acarreta, não só a produção de outros sentidos, mas principalmente a mudança do espaço em que o(s) sentido(s) se adere(m), que deixa de ser o da gestualidade (da ação) e passa a ser do corpo (objeto).

Assim como em SD6, na SD8 – “*a nicotina é droga e causa dependência*” – também é possível observar o deslocamento do sujeito da gestualidade – “*fumar*” – para o corpo, que neste caso é a “*nicotina*”. Porém se há paráfrase ao substituímos “*cigarro*”, por “*nicotina*”, há também deslizamento de sentidos, pois, de certa forma, ao se tomar a parte (um componente do cigarro) pelo todo (o cigarro), acaba por preservar o espaço em que os sentidos estão historicamente marcados, que é o cigarro, da caracterização posteriormente feita pelo predicativo do sujeito “*é droga*” e pelo predicado verbal “*causa dependência*”, fazendo com que, ao mesmo tempo em que se atribuam efeitos de sentidos negativos ao cigarro, também deixe de envolvê-lo nesta relação de causa/consequência, mantendo-o, até certo ponto, distante do(s) outro(s) sentido(s) que se quer atribuir a ele.

Uma questão que se faz pertinente é como, em contrapartida, a “*nicotina*” passa a ser não só nesta SD, mas como em outras (posteriormente analisadas), a brecha pela qual é possível fazer com que efeitos de sentido negativos circulem e se aproximem do cigarro.

Se em SD6 e SD8 é ao objeto que o(s) sentido(s) se adere(m), em SD4 e SD7, há um novo deslocamento do espaço destinado ao sujeito que inicialmente era o da gestualidade, em seguida passa a ser do objeto e por fim o próprio sujeito assume esta posição⁴. Porém, o que é interessante notar é que em SD4 o sujeito – “*quem fuma*” – é outra oração que, por sua vez, utiliza-se do pronome interrogativo – tal qual o discurso jurídico o faz – para sinalizar que qualquer um pode ser o sujeito a que ele se refere. Por outro lado, o predicado aproxima-se de uma linguagem mais informal – “*não tem fôlego para nada*” – e também do que anteriormente referimos a SD9, pois interfere mais no que diz respeito ao social, do que a integridade física propriamente dita.

Também em SD7 – “*crianças começam a fumar ao verem os adultos fumando*” –, podemos perceber uma diferenciação das demais SDs, especialmente pelo enunciado trazer para o cerne da questão um sujeito que (ainda) não é fumante, mas que o enunciador tem seu leitor-imaginário como alguém para quem “*crianças*” devem ser ou protegidas, ou resguardadas, logo o tornando significativo. Por outro lado, o predicado apresenta um desdobramento de orações que estabelecem uma relação de culpabilidade entre o fato de a criança começar a fumar e o fato do adulto ser visto fumando – “*crianças começam a fumar ao verem os adultos fumando*” –, utilizando-se mais uma vez de construções adverbiais que podem indicar tempo para delimitar o sujeito fumante.

Observando mais cuidadosamente as seqüências anteriormente analisadas, considerando como os desdobramentos morfossintáticos, quanto discursivos de SD0 podemos elencar as seguintes questões:

- A primeira trata da ampliação do(s) espaço(s) de possível adesão de efeito(s) de sentido(s), que inicialmente – em 1988 – era somente o da gestualidade – “*fumar*” – e que a partir de 1996, mesmo mantendo a gestualidade como um dos espaços, acrescenta-se a ele o espaço do objeto – “*cigarro*”; “*nicotina*” – e o do sujeito, ora

diretamente – “*quem fuma*”; “*crianças*” –, ora indiretamente – “*em gestantes*”; “*na gravidez*”;

- A segunda diz respeito às paráfrases na parte variante das SDs apresentadas e como elas fazem com que o efeito discursivo que em 1988 o processo discursivo encontrado em SD0 apontava, se desdobre em três eixos, sinalizando três processos discursivos outros que, por sua vez, apontam também para outros efeitos discursivos, num processo não só de deslizamento de sentidos, mas intrinsecamente polissêmico.

Tais eixos podem ser pensados da seguinte maneira: o primeiro traz à tona um efeito discursivo ligado à questão da morte, ou melhor, o sentido de saúde filia-se diretamente ao sentido de doença e considerando que tanto “*câncer*”, quanto “*infarto*”, são termos que, apesar de médicos, são de uso corrente e que estão diretamente ligados a idéia de fatalidade, poderíamos considerar que a regularidade encontrada aponta para uma ligação do cigarro ao sentido de morte em oposição ao de vida.

Por sua vez, o segundo eixo desliza o sentido não para uma vertente ligada à questão da oposição morte/vida, mas sim o coloca sob um prisma social, ou seja, a regularidade aqui aponta para um efeito de sentido filiado ao de (não) aceitação/afirmação social, dando relevo, especialmente, a consequências que têm caráter vexatório, como “*mau hálito*”, “*não ter fôlego*” ou “*impotência sexual*”.

Consideramos a questão da impotência sexual ligada a uma condição social por duas razões: uma diz respeito a apenas termos em uma das seqüências algo que se referisse prioritariamente a uma questão masculina (ao contrário da questão feminina) e outra por acreditarmos que tais eixos existem, mas que seus limites são porosos, ou seja, eles acabam por se correlacionar, fazendo com que os efeitos de sentido dos três eixos sejam mobilizados ora mais enfaticamente, ora menos, não descartando ainda a possibilidade de outros sentidos circularem por esse espaço.

Já o terceiro, apesar de manter relação com os anteriores, pois está ligado a questão da oposição morte/vida e também da sanção social, estabelece um diferencial que o coloca em um eixo distinto, tal ponto é presença de um discurso relacionado a mulher, que se debruça sobre questões do universo feminino, em especial a gravidez, momento culturalmente/historicamente marcado como frágil e passível de proteção e cuidado.

Uma questão que deve ser ressaltada sobre o eixo que trabalha preponderantemente com o feminino é a relação que ele aponta nos espaços silenciados em que a mulher, apesar de poder ocupar o lugar do homem quer no trabalho, quer na vida social, tem um lugar em que, não só se vulnerabiliza, mas que só pode ser assumido por ela. Neste ponto, a criança toma uma posição passiva, apontando que ela também está presente no jogo de tensões entre sentidos, e que também tem um lugar nos efeitos de sentido ligados ao cigarro, contudo, não é facultado colocá-la numa posição ativa, pois tal questão apontaria para aquilo que a lei não permite.

O que se pode notar é que a ramificação de efeitos discursivos circulantes em relação ao cigarro trabalha para a naturalização de certos sentidos, ou melhor, para a adesão de tais sentidos ao cigarro, e ainda, como salienta Foucault (1985),

[...] o importante em tais mudanças não é se serão rápidas ou de grande amplitude, ou melhor, esta rapidez e esta amplitude são apenas o sinal de outras coisas: uma modificação nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros. Não é portanto uma mudança de conteúdo (refutação de erros antigos, nascimento de novas verdades), nem tampouco uma alteração da forma teórica (renovação do paradigma, modificação dos conjuntos sistemáticos). O que está em questão é o que *rege* os enunciados e a forma como estes se *regem*

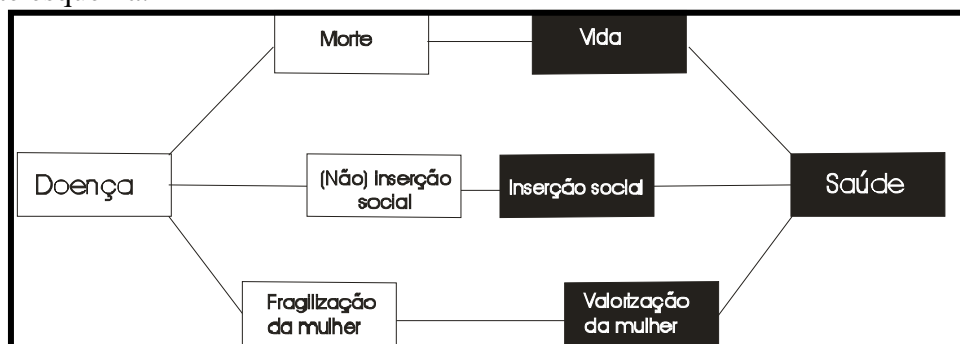
entre si para constituir um conjunto de proposições aceitáveis cientificamente e, consequentemente, susceptíveis de serem verificadas ou infirmadas por procedimentos. Científicos.

Efeitos estes produzidos e salientados, especialmente, pelo discurso da autoridade com o qual se reveste tais seqüências ao se apropriarem tanto do discurso institucional, quanto do médico, mas, intrinsecamente, do discurso do poder, pois, mais uma vez nos remetendo a Foucault, se por um lado, “a *“verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem*”, por outro, “*a verdade não existe fora do poder ou sem poder*”. E ainda no que se refere à noção de verdade, é relevante explicitar que:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1985)

Porém, da mesma forma que podemos afirmar que o regime de verdade é produzido por uma determinada sociedade, ele também é produzido, necessariamente, em um determinado momento histórico, portanto, essas verdade mudam, se alteram, se transformam.

E, nesse sentido, as seqüências até aqui analisadas nos dão pistas não só de quais são os efeitos discursivos produzidos pelos processos nelas engendrados, mas de efeitos discursivos para os quais elas se opõem, já que o que está em jogo é a desnaturalização de sentidos historicamente impregnados ao cigarro. Poderíamos pensar então no seguinte esquema:



Nele, as partes brancas seriam os efeitos de sentido produzidos pelos ditos no discurso anti-tabagista que circulam e as partes negras a memória com a qual os ditos dialogam e que mais do que não-ditos, são silenciamentos de um discurso que não tem mais seu espaço enquanto verdade.

É interessante notar como as seqüências discursivas analisadas, apesar de, através de seus processos discursivos, produzirem efeitos de sentido negativos, se utilizam exatamente dos campos de sentido com os quais o discurso e a propaganda do cigarro mais pactuavam.

A possibilidade de emersão de sentidos cuja desnaturalização/descrédibilização é esperada se dá na medida em que, apesar do sujeito imaginar-se como fonte do seu dizer, ele reproduz, e mesmo quando o que se espera é o deslizamento de sentidos, há o que desliza, num movimento polissêmico, mas há o que se mantém, não só pela paráfrase, mas também pela relação de interdiscursividade presente no diálogo entre a

materialidade lingüística e os textos/discursos possíveis que circulam e produzem sentidos e que, especificamente neste caso, dialoga muito fortemente com o que se quer silenciar, o discurso tabagista.

1.2 OUTRO MOMENTO, OUTROS GESTOS

Neste processo de desnaturalização de sentidos, em 2003, sete anos após a primeira regulamentação, e dois anos após sua veiculação obrigatória (ANVS/DC n. 104 de 2001), há algumas mudanças nas seqüências discursivas veiculadas.

Neste sentido, a Resolução - RDC nº. 335, de 21 de novembro de 2003 substitui as advertências anteriores por estas presentes no quadro 2 (Q2), e também as imagens veiculadas junto a elas, pois considera que *“as imagens que elucidam as mensagens de advertências necessitam de atualização periódica”*.

Neste ponto duas são as questões a serem levantadas, uma no que diz respeito à superfície verbal, e outra à não-verbal, que toma maior relevância a partir de então. Partiremos, então, do verbal, observando o quadro abaixo:

QUADRO 2 (Q 2)

PARTE FIXA DA SD	VARIANTES DE SD0	LEGENDA
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:	FUMAR FAZ MAL À SAÚDE.	SD0
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:	ESTA NECROSE FOI CAUSADA PELO CONSUMO DO TABACO.	SD10
	FUMAR CAUSA IMPOTÊNCIA SEXUAL.	SD11
	CRIANÇAS QUE CONVIVEM COM FUMANTES TÊM MAIS ASMA, PNEUMONIA, SINUSITE E ALERGIA.	SD12
	ELE É UMA VÍTIMA DO TABACO. FUMAR CAUSA DOENÇA VASCULAR QUE PODE LEVAR A AMPUTAÇÃO.	SD13
	FUMAR CAUSA ABORTO ESPONTÂNEO.	SD14
	AO FUMAR VOCÊ INALA ARSÊNICO E NAFTALINA, TAMBÉM USADOS CONTRA RATOS E BARATAS.	SD15
	FUMAR CAUSA CÂNCER DE LARINGE.	SD16
	FUMAR CAUSA CÂNCER DE BOCA E PERDA DOS DENTES.	SD17
	FUMAR CAUSA CÂNCER DE PULMÃO.	SD18
	EM GESTANTES, FUMAR PROVOCA PARTOS PREMATUROS E O NASCIMENTO DE CRIANÇAS COM PESO ABAIXO DO NORMAL.	SD19

Podemos notar que apenas as seqüências discursivas 11 (SD9 em Q1) e 18 (SD2 em Q1) se mantiveram as mesmas, sem nenhuma alteração, indicando não só sua atualidade, mas como nelas permanecem sentidos que se fazem relevantes no processo de desnaturalização de sentidos que apontavam, não só para a inserção social masculina, mas especialmente para sua potência sexual. No caso de SD11, e para uma variedade de câncer, em SD18, que não só continua sendo fatal, mas que apresenta um estado muito doloroso para quem por ele se acomete.

Daí a atualidade das seqüências que têm como efeito de verdade sentidos, que põem em jogo exatamente aquilo que o sujeito fumante procura enquanto discurso – que corrobore a ilusão de identidade enquanto unidade –, e que possibilite a construção imaginária do que acredita ser necessário para a posição sujeito que quer assumir.

Todas as demais seqüências – SDs 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 19 – ou tiveram alguma modificação, como por exemplo, SD6 que se desdobra nas SD12 e 19. Em SD19 há na redução do predicado um movimento que não só o especifica, mas que principalmente dá maior relevo às conseqüências durante a gestação.

Ainda no que se refere à gestação, também SD14 atribui ao sujeito “fumar”, responsabilidade em relação à intervenção na gravidez (ABORTO ESPONTÂNEO), contudo há no uso do adjetivo “espontâneo” certa contraditoriedade, pois se por um

lado ele indica uma não-intencionalidade do sujeito, por outro, se mesmo com a advertência, ou melhor, com a constatação disso como uma verdade, se há o aborto por fumar, há a indução a interrupção da gestação.

Já a SD12 – “*crianças que convivem com fumantes têm mais asma, pneumonia, sinusite e alergia*” – traz uma novidade em relação às anteriormente analisadas, pois tem uma oração adjetiva restritiva no sujeito que, se gramaticalmente restringe o universo de crianças, discursivamente traz, não só o fato de que tais sujeitos convivem, logo possuem alguma relação, mas que é de responsabilidade do fumante, ou seja, do sujeito, intercorrências na saúde daquelas crianças.

No que se refere ao predicado de SD12, o uso do verbo “ter” que carrega em si efeitos de sentido de possessividade e principalmente de propriedade, ainda intensificado pelo advérbio “mais” faz com que as doenças posteriormente elencadas tomem maior relevo. E em relação a elas, as doenças, outro fator interessante é que apesar de serem termos médicos, são de uso corrente e que tem ocorrência bastante comum em crianças, logo o intensificador mais funciona também como um mecanismo que justifica a presença de tal advertência entre as seqüências.

Assim como em SD 18, as SDs 16 e 17 – “*fumar causa câncer de laringe*”; “*fumar causa câncer de boca e perda dos dentes*” – utilizaram o discurso médico, e em especial, dos sentidos que a palavra ‘câncer’ carrega, intensificando-os ainda pela especificação do tipo de câncer e de sua relação direta com os aparelhos que se relacionam com a fala, apontando, de certa forma para um deslizamento de sentidos, pois apesar de continuar articulando com os sentidos de fatalidade, se aproximam de certa forma do eixo que trabalha com os sentidos de sanção social, fato mais explicitado ainda em SD17 quando adiciona a “perda dos dentes” também como consequência.

É relevante observar, ainda, que a inversão que ocorre de SD1 para SD17 (em SD1 “*mau hálito, perda de dentes e câncer de boca*”, já em SD17 “*câncer de boca e perda de dentes*”), além da retirada do termo que aponta para menor a menor gravidade “*mau hálito*”, inicia-se a seqüência pelo que há de mais grave, dando maior relevo ao eixo ligado a sentidos de morte.

Porém, as seqüências que mais se diferenciam das anteriores, são as SDs 10, 13 e 15 – “*esta necrose foi causada pelo consumo do tabaco*”; “*ele é uma vítima do tabaco. fumar causa doença vascular que pode levar a amputação.*”; “*ao fumar você inala arsênico e naftalina, também usados contra ratos e baratas*”, por estabelecerem, ora com o não-verbal (SD 13 e 15), ora com o enunciatário (SD10) em diálogo explícito. Em SD 10 é o pronome demonstrativo, cuja função dêitica é característica primeira, mas que também pela função anafórica liga a seqüência verbal ao texto não verbal.

E uma vez relacionado o verbal com o não-verbal, a palavra “necrose” que poderia ter um sentido obscuro, passa a ser inteligível. Outro ponto que deve ser levado em consideração que também nesta seqüência a parte é tomada pelo todo, ou seja, não se fala do cigarro, mas do tabaco, um de seus componentes, eximindo mais uma vez o cigarro do espaço em que tais sentidos circulantes podem se aderir.

Da mesma forma, em SD13 – “*ele é uma vítima do tabaco. fumar causa doença vascular que pode levar a amputação.*” – é o pronome pessoal que, por sua função dêitica, aponta para o não-verbal e dialoga com ele. Porém, é o que vem em seguida que estabelece um diferencial em relação às demais seqüências, pois coloca aquele sujeito do texto não-



verbal e de quem o texto verbal trata numa posição de ‘vítima’, sofrendo as ações que são atribuídas no decorrer da SD ao tabaco.

Contudo, há uma relação de (co)responsabilidade, pois se por um lado ele é vítima do tabaco, por outro ele também assumiu os riscos já alertados pelo Ministério da Saúde quando optou por fumar. Neste sentido, a memória discursiva das primeiras seqüências age na SD relativizando a posição de vítima passiva que a posição-sujeito inicialmente poderia assumir.

Outro ponto que torna tal SD bastante interessante é que ao se tomar o particular, ou seja, a situação daquele homem, para ilustrar o porquê da advertência “fumar causa doença vascular que pode levar a amputação”, que é uma situação genérica, não só há uma humanização das relações, como também mais um artifício que traz à tona o efeito de verdade, especialmente necessário nesta SD para que ela mantenha sua credibilidade, pois o que o texto não-verbal diz é exatamente a brecha que o verbal deixa ao utilizar o verbo “pode”, pois este não estabelece um sentido de completude ou de certeza, mas sim de dúvida.



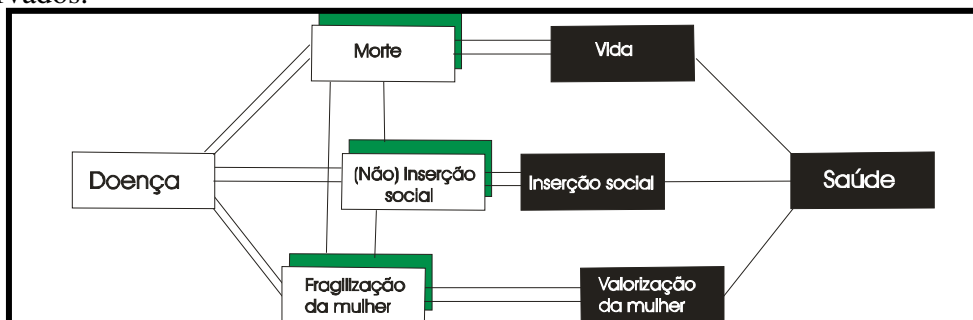
Já a SD 15 – “*ao fumar você inala arsênico e naftalina, também usados contra ratos e baratas*” – estabelece com o pronome “você” uma relação com a exterioridade do texto, pois ao mesmo tempo em que ele, por ser um dêitico, aponta para o enunciador, especificando-o, funciona como um pronome indefinido. Outro fator importante nesta seqüência é a relação que se estabelece entre a superfície verbal e a não-verbal, pois se complementam na medida em que “inala arsênico e naftalina, também usados contra ratos e baratas” além de ter palavras cujo sentido pode ser obscuro para grande parte dos sujeitos, como “inala” e “arsênico”, também não aponta, necessariamente para um sentido de morte, fatalidade, é somente por meio da superfície não-verbal que o que está dito passa a ter maior ênfase, ou melhor, passa a ter um efeito discursivo ligado a morte.

E esta relação só é possível, pois há na complementação da advertência “também usados contra ratos e baratas” a menção ao que se observará na superfície não-verbal. Outro ponto interessante deste trecho é que o uso da palavra “também” que denota inclusão, ou seja, discursivamente, promove, de modo implícito, a posição-sujeito referida ao fumante em comparação a estes animais, passando a compor o mesmo grupo de seres em que os ratos e as baratas se incluem, ressaltando que estes animais carregam sentidos, não só de asquerosidade, mas também de doença e não-sociabilidade, atingidos pelo mesmo agente, e conseqüentemente, com o mesmo fim. A partir das análises e pensando numa contraposição às SDs veiculadas em 1996 podem-se observar as seguintes questões:

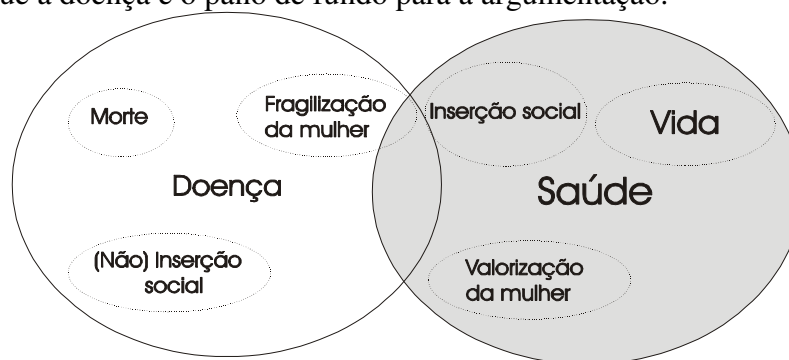
- A ampliação do(s) espaço(s) de possível adesão de efeito(s) de sentido(s), que inicialmente – em 1988 – era somente o da gestualidade (fumar) e que a partir de 1996, desdobra-se em três, ainda o gestualidade, o do objeto e o do sujeito, passa por uma modificação em 2003, pois se por um lado a gestualidade ganha maior relevância, por outro no espaço do objeto há o apagamento do cigarro propriamente e é dado relevo a seus componentes, já o espaço do sujeito ganha outra dimensão com a inserção de pronomes dêiticos e a personificação através dos textos não verbais;
- O que podemos encontrar na parte variante das SDs são paráfrases das paráfrases feitas em 1996, porém, apesar de se manterem os três eixos – morte, sanção social, fragilidade da mulher – aquele que mais é explorado é o primeiro, ligado a morte, o que trata da sanção social tem um menor destaque, porém perpassa os demais, e

interessantemente, o que se refere à mulher, dá ainda maior relevância para a gestação, e em especial as consequências ao bebê.

Tomando o esquema inicial dos eixos como base, um novo esquema pode ser formado em que os espaços em verde são os deslizamentos que ocorreram em 2003. O que podemos observar é que há uma tentativa de intensificação dos sentidos em 96 observados.



O que há, talvez de diferenciação, seja que se tornam mais explícitas as relações entre os eixos, suas margens deixam de estar tão bem marcadas, o que nos apontaria para um terceiro esquema que poderia ser até mesmo porque todos eles continuam num campo em que a doença é o pano de fundo para a argumentação.



Neste novo esquema também é a partir do que é dito que podemos perceber o que foi silenciado, mas há, nesse momento, a expansão dos não-ditos que circulam.

Assim, a parte variante das SDs nos movimentos de paráfrase e polissemia apontou para, não só um deslizamento de sentidos, mas principalmente para a reconstrução do que vem sendo silenciado, que não cabe mais como verdade.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. (1995). **Ces mots qui ne sont pas de soi: boucles réflexives et non-coincidences du dire**. Paris: Larousse.
- MARIANI, B. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais**. Rio de Janeiro e Campinas, Editora Revan & ed. Da Unicamp, 1998;
- FOUCAULT, M. (1985). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal;
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, [1975] 1990.

¹ Este artigo é parte do que tratei na dissertação de mestrado cujo título é o mesmo.

² As embalagens aqui consideradas são os maços de cigarro que se caracterizam como pequenas caixas retangulares em que as quatro superfícies laterais apresentam inscrições, sendo facultada apenas a frente como espaço para o da propaganda do produto.

³ É importante ressaltar que utilizamos o arcabouço teórico formulado por Authier-Revuz sobre as formas de representação do discurso outro.

⁴ Vale ressaltar que apesar de parecer que há um encadeamento cronológico no desenvolver destes percursos, eles ocorrem concomitantemente, já que as SDs de 1 a 9 são fruto da lei publicada em 1996.